

## **Torneio Início Mineiro de 1983: A conquista esquecida do Uberlândia Esporte Clube na cobertura esportiva do título da Taça CBF<sup>1</sup>**

Lucas Ferreira MARTIN<sup>2</sup>  
Rafael Duarte Oliveira VENANCIO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **RESUMO**

No primeiro semestre de 1984, o Uberlândia Esporte Clube vence a Taça CBF, equivalente à Segunda Divisão Brasileira. Esse título, até hoje a maior conquista de um time do Interior de Minas Gerais, colocou a equipe do Triângulo Mineiro na cena do futebol nacional. Só que essa conquista não foi pontual: no semestre anterior, o Uberlândia foi campeão do Torneio Início do Campeonato Mineiro de 1983 com, praticamente, o mesmo time. O objetivo do presente artigo é verificar, com auxílio da metodologia da *história enunciativa*, se na mídia local que veiculava cadernos de jornalismo esportivo (notadamente, o *Correio de Uberlândia*) foi ecoado o título de 1983 na conquista de 1984.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Esportivo; Futebol; Minas Gerais; Uberlândia Esporte Clube; História Enunciativa;

### **1 INTRODUÇÃO**

Em cinco de fevereiro de 1984, o Uberlândia Esporte Clube jogava, na vizinha Uberaba contra o Nacional, o primeiro jogo da sua campanha vitoriosa da segunda divisão brasileira daquele ano, a Taça CBF. É, até os tempos atuais, a maior conquista de um time de futebol do Triângulo Mineiro e a maior conquista, em nível nacional, de uma equipe do interior de Minas Gerais (além do Uberlândia, apenas o Tupi, de Juiz de Fora, ganhou um título nacional: a Série D, quarta divisão, de 2011).

No entanto, no semestre anterior do futebol brasileiro<sup>4</sup>, o Uberlândia Esporte Clube conquistou uma taça pouco lembrada: o Torneio Início do Campeonato Mineiro de 1983, disputado em cinco de junho de 1983, exatamente oito meses antes da conquista da Taça CBF. Até mesmo na parte histórica do site oficial da equipe (UEC, 2015), o título não é

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: [lucasfmartin@yahoo.com.br](mailto:lucasfmartin@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo e do Curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: [rdovenancio@gmail.com](mailto:rdovenancio@gmail.com)

<sup>4</sup> Nos anos 1980, o calendário brasileiro do futebol era composto pela competição nacional no primeiro semestre e as competições estaduais no segundo semestre, o inverso do calendário atual na maior parte das Federações Estaduais de Futebol no Brasil.

mencionado<sup>5</sup>. Com isso, uma questão importante vem à tona: “será que, durante a cobertura da Taça CBF de 1984, o título do Torneio Início de 1983 foi lembrado?”. É a partir dessa questão que o trabalho se estrutura.

## 2 HISTÓRIA ENUNCIATIVA E A PESQUISA EM JORNALISMO ESPORTIVO

Assim, o presente trabalho deseja verificar, através do método aqui denominado enquanto *história enunciativa*, a representação discursiva do título do Torneio Início de 1983 durante a cobertura da campanha da Taça CBF de 1984 do Uberlândia Esporte Clube feita na época pela imprensa esportiva uberlandense, tendo como base o jornal *Correio de Uberlândia*.

A *história enunciativa* é um método de interface entre o arcabouço teórico da História das Ideias, mais precisamente aquele teorizado por Quentin Skinner, com os estudos da Análise do Discurso da Linguística francesa, com enfoque nos estudos de enunciação.

Do lado da História das Ideias, ao contrário do postulado da *ideia-unicidade*, posto por Arthur O. Lovejoy e enraizado na Filosofia Continental, Skinner inaugurou uma tradição Analítica na História das Ideias, utilizando da pragmática de J. L. Austin (1975) e na filosofia última de Ludwig Wittgenstein (i.e. *Investigações Filosóficas*). Ao invés de perseguir conceitos, tal como faz Lovejoy (2005) em sua *magnus opus*, Skinner articula uma teoria interpretativa que se concentra em analisar os escritos de um determinado pensador para demarcar os *atos de fala* incorporados na ilocucionariedade de suas ideias, análises e afirmações. Seu método é formulado em uma série de artigos (SKINNER, 1969, 1970, 1971, 1972, 1975) e debatido nos seus dois livros centrais (SKINNER, 1999, 2002).

Em uma tentativa de resumir seu próprio método, Skinner nos afirma:

Eu argumento que, se nós estamos a escrever uma História das Ideias em estilo propriamente histórico, nós precisamos situar os textos que estudamos dentro de tais contextos intelectuais e *frameworks* discursivos que nos possibilita reconhecer o que os seus autores *estão fazendo* ao escrevê-los. Para falar de maneira mais própria, eu enfatizo a performatividade dos textos e a necessidade de tratá-los intertextualmente. Minha aspiração não, claro, realizar a tarefa impossível de entrar nas cabeças de pensadores há muito tempo falecidos; é simplesmente usar as técnicas ordinárias de investigação histórica para agarrar seus conceitos, seguir suas distinções, resgatar suas crenças e, na medida do

---

<sup>5</sup> Os títulos elencados são: “Campeão da Segunda Divisão (Módulo II) 1999 e 2015, Campeão da Segunda Divisão Mineira 1963, Campeão Brasileiro da Segunda Divisão (Taça CBF) 1984, Campeão Mineiro do Interior 1970 e 1987 e da Taça Minas Gerais 2003” (UEC, 2015, s.p.). Nessa listagem, também são omitidos alguns títulos de Campeão Mineiro do Interior que foram noticiados na época como tal (VENANCIO; PAPEL, 2014).

possível, ver as coisas à maneira deles (SKINNER, 2002, p. vii).

Entender “as coisas à maneira deles”, ou seja, se aprofundar nos contextos intelectuais e *frameworks* discursivos pode ser feito à maneira de Skinner, através da Filosofia Analítica da Linguagem com as ideias de Wittgenstein e Austin ou pode se apropriar do mecanismo pragmático mais poderoso da Análise do Discurso: a *enunciação*.

Para Maingueneau (2006, p. 52-53), “a enunciação é classicamente definida, após Benveniste, como ‘a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização’. Ela opõe-se, assim, ao enunciado como o ato distingui-se de seu produto.” Com isso, nos colocamos diante de três afirmações:

- A enunciação não deve ser concebida como a apropriação, por um indivíduo, do sistema da língua: o sujeito só acede à enunciação através das limitações múltiplas dos gêneros de discurso.
- A enunciação não repousa sobre um único enunciador: a interação é preponderante. Como lembra Benveniste, “o ‘monólogo’ deve ser posto, apesar da aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental”.
- O indivíduo que fala não é necessariamente a instância que se encarrega da enunciação. Isso leva Ducrot a definir a enunciação, independentemente do autor da palavra, como “o acontecimento constituído pela aparição de um enunciado” (MAINGUENEAU, 2006, p. 53).

Assim, a *história enunciativa* – tal como definimos essa interface entre História das Ideias e Análise do Discurso – distingue, no corpus escolhido, três elementos: enunciação, enunciado e texto. Se enunciação é o ato, enunciado é o produto, as palavras que são ditas para operar a representação pretendida. No entanto, tal como lingüística textual coloca, “um enunciado, no sentido de objeto material oral ou escrito, de objeto empírico, observável e descritível, não é o texto, objeto abstrato... que deve ser pensado dentro do quadro de uma teoria (explicativa) de sua estrutura composicional’. Para esta acepção de enunciado, encontramos também o termo superfície lingüística [de Ducrot]” (MAINGUENEAU, 2006, p. 55).

Com isso, se buscamos enunciados sobre o Torneio Início de 1983, há de definir um tipo de texto, esse objeto abstrato, para verificar isso. A escolha desse trabalho, levando em conta o processo ilocucionário posto por Skinner, foi os textos dos jornais uberlandense com cadernos esportivos da época.

O jornal escolhido foi o *Correio de Uberlândia* dos meses de janeiro e abril de 1984, período de realização da Taça CBF. Os exemplares foram obtidos no Arquivo Público do Município de Uberlândia.

A pertinência desse método para a pesquisa de jornalismo esportivo, especialmente naquelas que visam o seu resgate histórico, concentra-se na sua atuação em demarcar, através das palavras publicadas (enunciados) as ações que fomentaram o esporte no passado, seja enquanto prática esportiva (competições, jogos, atletas, fatos) seja enquanto o esporte enquanto fomentador de cultura e imaginário (VENANCIO, 2015).

### **3 MINAS GERAIS E O FUTEBOL BRASILEIRO DO INÍCIO DOS ANOS 1980**

Seria interessante se questionar quantos imaginavam, no Réveillon de 1980, que a década que estava começando seria, talvez, uma das mais notáveis da história do futebol brasileiro. Afinal, apesar dos anos 1970 terem começado com o Tricampeonato da Copa do Mundo de Futebol pela Seleção Brasileira, eles terminaram com o ano mais infame dos autos do futebol tupiniquim. A má fama de 1979 não é à toa. Último ano de existência da CBD – a Confederação Brasileira de Desportos, manda-chuva não só do futebol, mas de todo esporte brasileiro –, seus 365 dias nos brindaram com um campeonato brasileiro de futebol deformado pela prática política do jogo de influência da ditadura militar em voga no país desde 1964. Ora, com o sucesso do futebol com o Tri de 1970, os militares perceberam que o futebol era uma poderosa arma política para manutenção do regime, bem como para buscar uma unificação do regime desde as grandes cidades até os rincões rurais do país.

Essa política é resumida em uma frase: “Onde a ARENA vai mal, mais um time no Nacional”. A lógica é simples. Apesar de vivermos em uma ditadura, havia eleições. Parte delas eram eleições indiretas para eleger membros do executivo, tal como os governadores. Eram os chamados *cargos biônicos*. O legislativo era composto por eleições diretas entre os partidos criados pela ditadura: o governista ARENA e o espaço legitimado de oposição MDB.

Enquanto esse modelo de eleição foi um sucesso para os militares em 1970, com o ARENA dominando o pleito – fato que seria conhecido como “Arenão” –, em 1974, surge uma “onda oposicionista” onde Estados inteiros resolvem optar por membros do MDB. Com as eleições de 1978 em vista, os militares resolvem articular com as oligarquias locais, trocando favores políticos e, inclusive, incluindo clubes de futebol no Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão.

Assim, se em 1971 havia 20 clubes, em 1972, o número salta para 26. Nesses dois anos, havia uma Segunda Divisão consolidada. Com o fim dela, em 1973, o número de participantes cresce para inacreditáveis 40 clubes, número mantido em 1974. Em 1975, o

pleito é disputado por 42 equipes, saltando para 56 em 1976. Em 1977, o crescimento do Campeonato Brasileiro chega a 62 clubes, porém em 1978, tínhamos uma Primeira Divisão com 74 participantes.

Em 1979, a tendência de crescimento chega a seu ápice: 94 clubes. E o número só não foi maior porque São Paulo, Corinthians, Santos e Portuguesa se recusaram a entrar automaticamente na segunda fase. Eles queriam ter o mesmo privilégio de seus rivais, Guarani e Palmeiras, que por serem o campeão e o vice do ano anterior só entrariam na terceira fase da competição.

Os ventos da mudança que sopravam em direção a 1980 não tinham sua origem apenas na vergonha de ter sido encampada um campeonato profissional de Primeira Divisão com 94 clubes. Os tempos políticos do país e do cenário mundial do futebol pareciam mudar.

Em 15 de março de 1979, o último presidente militar toma posse em Brasília: João Batista Figueiredo. Com ele, tinha vencido, entre os militares, a ideia de abertura política já desenhada no fim do governo Geisel. Se em seu discurso de posse, ele pronunciou a promessa de que faria do país uma democracia, logo ele manda para o Congresso a Lei da Anistia, promulgada em 28 de agosto do mesmo ano. Para um país há quinze anos sob regime ditatorial, parecia a primeira chance de um retorno a democracia pela via direta (tal como seria a luta nos anos 1980 pelas Diretas Já).

Se o Brasil estava mudando, a FIFA parecia seguir no mesmo caminho. Buscando uma maior autonomia do futebol diante dos demais esportes, especialmente os olímpicos, e tentando controlar a interferência (indesejada, vale-se notar) dos governos, a entidade máxima do futebol obriga os países a organizarem estruturas não-governamentais dedicadas ao futebol única e exclusivamente.

Com isso, em 24 de setembro de 1979, se finda a CBD e surge a CBF, a Confederação Brasileira de Futebol, que deveria obedecer totalmente às regras da FIFA, caso não desejasse uma exclusão do cenário profissional do esporte. Com isso, campeonatos de 94 clubes não seriam mais possíveis.

A saída foi retornar ao antigo sistema de duas divisões que já existia na criação do Campeonato Brasileiro em 1971. Nessa primeira encarnação, o mineiro Vila Nova e o maranhense Sampaio Correia foram os campeões de 1971 e 1972, respectivamente. Só que, nessa segunda encarnação da Segunda Divisão Brasileira em 1980, o torneio receberia um novo nome: Taça de Prata, enquanto a Primeira Divisão seria a Taça de Ouro.

A escolha do nome, vista de uma perspectiva histórica, é irônica. A Taça de Prata era o nome pelo qual também era conhecido o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, realizado entre 1967 a 1970. Esse Torneio tinha esse nome porque era uma segunda chance de conquistar o título nacional na época para os times do Sudeste, já que a principal competição era ainda a Taça Brasil.

Com essa nova configuração, os anos 1980 pareciam cumprir a sua vocação de ser uma época gloriosa do futebol brasileiro. A própria final da Primeira Divisão, da Taça de Ouro, de 1980 parecia indicar isso.

De um lado, um forte Atlético Mineiro treinado por Procópio Cardoso com João Leite; Orlando, Osmar, Luizinho e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder Aleixo. Seu oponente e vencedor naquele ano, o Flamengo, conseguia ser mais impressionante. Treinado por Cláudio Coutinho, treinador da Seleção Brasileira “campeã moral” da Copa do Mundo de 1978, os cariocas traçariam a base do estilo de jogo da década com Raul; Carlos Alberto ou Toninho, Rondinelli, Marinho e Júnior; Andrade, Paulo César Carpegiani e Zico; Tita ou Adílio, Nunes e Júlio César.

Nos cinco primeiros anos da década de 1980, o Flamengo ganharia três campeonatos (1980, 1982 e 1983), caindo nas quartas de final em 1981 e em 1984. Ele também teria lugar de destaque na seleção da Copa do Mundo de 1982, treinada por Telê Santana, e tristemente derrotada pela Itália de Paolo Rossi no antigo estádio espanhol do Sarriá, em Barcelona. Com três convocados (Leandro, Júnior e Zico) se igualava ao Atlético Mineiro e era apenas superado pelo São Paulo, com quatro convocados.

Se a primeira década dos anos 1980 foi gloriosa para o Flamengo, o mesmo é possível falar para o Atlético Mineiro. Gloriosa não apenas porque eram os tempos de Reinaldo, mas também porque foi o momento no qual o seu principal rival, o Cruzeiro, viveu uma das piores crises de sua história. Os anos 1980 pareciam que eram do Galo.

Quando a década de 1980 nasceu, o último título de campeão mineiro do Cruzeiro tinha sido em 1977. O jejum começava a pesar porque o domínio azul era gigantesco nas décadas de 1960 (sete títulos: 1960, 1961, 1965, 1966, 1967, 1968 e 1969) e mesmo nos anos 1970 (cinco títulos: 1972, 1973, 1974, 1975 e 1977).

No entanto, o Atlético Mineiro, na virada dos anos 1980, engatou um hexacampeonato absoluto: de 1978 a 1983. Só que, no começo, as preocupações eram com Reinaldo. O craque que impulsionou o time para as campanhas memoráveis de 1978 (campeão mineiro, vice-campeão brasileiro) não era o mais o mesmo em 1980.

Entre as equipes do Interior de Minas, o começo dos anos 1980 parecia dar destaque para uma equipe do Triângulo Mineiro: o Uberaba Sport Club. Em 1981, junto com Bahia, Palmeiras e Náutico, o Colorado mineiro consegue o acesso intermediário na Taça de Prata e joga a Primeira Divisão. O mesmo Uberaba joga a Taça de Prata em 1982 e termina na terceira colocação, após perder na semifinal para o campeão Campo Grande, da cidade do Rio de Janeiro. Já em 1983, o Uberaba repete o mesmo feito de 1981, dessa vez acompanhando Guarani, Botafogo de Ribeirão Preto e Americano de Campos no acesso intermediário.

#### **4 HISTÓRIA DO UBERLÂNDIA ESPORTE CLUBE**

Emancipada de Uberaba em 31 de Agosto de 1888, com o nome de São Pedro do Uberabinha, e elevada à condição de cidade em 1891 com o nome de Uberabinha, Uberlândia ganha sua atual denominação apenas em 19 de outubro de 1929. Sete anos antes, em 1º de novembro de 1922, surgia o Uberabinha Sport Club que, com a mudança do nome da cidade, tempos depois, viraria o Uberlândia Esporte Clube, conhecido como Verdão pelo seu uniforme alviverde.

Segundo a história oficial do clube, nos anos 1920, a cidade de Uberabinha era dividida por dois grupos políticos. De um lado, o Partido Republicano Municipal, conhecido como Cocão, dono do campo da Associação Esportiva Uberabinha. Do outro, o Partido Republicano Mineiro, conhecido como Coiós.

Cocão e Coiós viviam em um clima de rivalidade permanente. Uma das questões de conflito era o futebol. Para evitar uma das brigas mais comuns, os dirigentes dos dois partidos decidiram que, em cada partida da Associação Esportiva Uberabinha, iria alternar a banda de música de cada partido.

No entanto, no dia de um jogo importante em 1922, os membros do Cocão quiseram que sua banda tocasse, mesmo que fosse a vez dos Coiós. Diante do pacto quebrado, os Coiós, liderados por Agenor Bino e Gil Alves dos Santos, se reuniram na Vila Operária para fundar o Uberabinha Sport Club. Gil Alves doaria o terreno para construir o Estádio da equipe, que receberia o nome de Juca Ribeiro, e seria construído em 1933. Agenor Bino, por sua vez, seria a liderança política do clube e para muitos o primeiro presidente de fato da agremiação, mesmo o cargo sendo oficialmente atribuído a Tito Teixeira, membro do Cocão, como forma de reaproximar os dois grupos.

Há um fato à margem da história oficial do Uberlândia Esporte Clube que

normalmente é mencionado quando se reconta a sua fundação. Oficialmente fundado em 1º de novembro de 1922, o clube teria sido fundado apenas no dia seguinte, no dia 2, feriado de Finados. No entanto, para não confundir as datas, teria sido considerado o dia anterior como da fundação.

Com a cidade mudando de nome em 1929, o clube seguiria a mesma tendência, mas oito anos depois, já em 1938. Vinte e quatro anos depois, o Uberlândia Esporte Clube teria o seu primeiro destaque estadual na Segunda Divisão Mineira de 1962. Dividida em dois grupos, Centro (dez equipes) e Triângulo (nove equipes), a Segunda Divisão era decidida entre os vencedores de cada grupo.

O campeão do Grupo Centro foi o Palmeirense, de Ponte Nova. Em 18 partidas, venceu 13, empatou 3 e perdeu 2, somando quatro pontos (equivalente, na época, a duas vitórias) a mais que o segundo colocado, o Paraense, de Pará de Minas. Já no Grupo Triângulo, a disputa foi mais parelha.

Somando 27 pontos, provenientes de 13 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, o Uberlândia teve os mesmos pontos que o menos vencedor Araguari, que fez 12 vitórias, 3 empates e 1 derrota. Como não havia critérios de desempate, os times tiveram que disputar um mata-mata pela liderança.

Um dado é digno de nota: uma das vitórias do Araguari foi proveniente de um WO. Em 9 de setembro de 1962, em Ituiutaba pela sexta rodada, a Associação Esportiva Ituiutabana jogava contra o Araguari. Aos 20 minutos de jogo, o árbitro marcou pênalti para os visitantes. O time da casa acreditou que o árbitro agiu de má fé e foram protestar e agredi-lo, sendo que os jogadores do Araguari tomaram partido e foram à defesa do juiz. Com a partida encerrada pela confusão, o Araguari recebeu os dois pontos que seriam valiosos para empatar no grupo com o Uberlândia.

Foram necessárias três partidas para o desempate, realizadas em março de 1963. Uma vitória de 2 a 1 para o Uberlândia (dia 10, em Uberlândia), um empate em 1 a 1 (dia 17, em Araguari) e a vitória final por 1 a 0 do Uberlândia, no dia 24, no campo neutro em Araxá.

Com esses resultados, o Uberlândia pode disputar a final contra o Palmeirense. O primeiro jogo foi em Uberlândia, no Juca Ribeiro, no dia 31 de março de 1963. Com o árbitro Doraci Jerônimo, auxiliado por Elmo Sanches e Witan Marinho da Silva, o Uberlândia jogou com Barbosinha, Zé Roberto, Dimas, Dunga, Serafim; Waldemar, Maércio; Reinaldo, Zinho, Joãozinho (Fazendeiro) e Barrica. A partida foi 2 a 1 para a



equipe do Triângulo, sendo todos os gols no primeiro tempo: Dimas e Zinho para o Uberlândia e Del Vecchio para os visitantes.

No dia 7 de abril, foi realizado o jogo de volta no Estádio Mário Lobo, em Ponte Nova. Com o mesmo trio de arbitragem, mas agora comandado por Elmo Sanches, o Uberlândia entrou contra o Palmeirense com Barbosinha; Zé Roberto, Dimas, Waldemar, Serafim; Dunga; Maércio; Reinaldo, Zinho, Barizon e Barrica. Com dois gols de Zinho no primeiro tempo, o Uberlândia conquista não só o seu primeiro título, mas também o acesso à Primeira Divisão Mineira de 1963, onde jogaria de forma contínua até 1997.

Em fevereiro de 1966, o Verdão perdeu amistoso, realizado no Juca Ribeiro, para a seleção da União Soviética por 2 a 0. O jogo fazia parte da preparação dessa seleção para a Copa do Mundo realizada no mesmo ano na Inglaterra, onde conquistaria o quarto lugar, sua melhor campanha na história do torneio.

Em 1968, o Uberlândia ficou pela primeira vez na frente do seu maior rival, o Uberaba Sport Club na classificação final, e conquistou o terceiro lugar na Primeira Divisão Mineira, seu melhor resultado na história (junto com o ano de 1986) e, conseqüentemente, o título de Campeão do Interior de Minas Gerais (vencido, além dos anos no qual foi terceiro colocado, também em 1970, 1979 e 1983 com um quarto lugar).

Apenas em 1978, o Verdão jogaria pela primeira vez na Primeira Divisão Brasileira. Situado no Grupo B, junto com os times de Minas Gerais (6 equipes: Cruzeiro, Atlético, Villa Nova, Uberaba, Uberlândia e América), Pernambuco (3 equipes: Santa Cruz, Náutico e Sport), Rio Grande do Norte (2 equipes: ABC e América) e Paraíba (2 equipes: Botafogo e Campinense), fica em penúltimo, na frente apenas do América Mineiro, com seis pontos provenientes de duas vitórias (contra Uberaba e Campinense), dois empates e oito derrotas, sendo duas delas sofrendo seis gols: o 6 a 0 contra o Cruzeiro e o 6 a 3 contra o Botafogo-PB.

Em 1979, com o ídolo cruzeirense Dirceu Lopes no plantel do Verdão, o Uberlândia faz melhor campanha na Primeira Divisão Brasileira. Na primeira fase, se classifica em quarto no Grupo E, junto com Maranhão, Uberaba, Central-PE e Náutico. Na segunda fase, agora no Grupo F, faz bela campanha eliminando o Fluminense e se classificando junto com o baiano Vitória. Com isso, o Verdão teve direito a disputar o Grupo D na Terceira Fase, onde se classificava apenas um para as semifinais.

Dividindo o pleito com Atlético Paranaense, Operário-MS e Vasco da Gama, a equipe mineira ficou na terceira colocação, empatando duas vezes e perdendo uma, dando o

lugar para o Vasco, que seria vice-campeão daquele ano. Na tabela final, o Uberlândia aparece na nona colocação, sua melhor classificação na Primeira Divisão e o segundo melhor mineiro daquele ano, na frente do Atlético.

Com a reformulação da CBF, o Uberlândia foi rebaixado para a Taça de Prata de 1980, ficando na 12ª colocação, sendo eliminado no grupo de Terceira Fase do vice-campeão CSA. O Verdão retornaria para a Segunda Divisão apenas em 1984, logo após a boa campanha do Mineiro de 1983, quando foi campeão do Interior e do Torneio Início.

## **5 O TORNEIO INÍCIO DE 1983**

Sentindo a possibilidade de incentivar as equipes do Interior mineiro, tal como o Uberaba que fazia sucesso em nível nacional, para quebrar a monotonia do Atlético campeão e Cruzeiro vice, a Federação Mineira de Futebol, antes do Campeonato Estadual de 1983, resolveu resgatar o chamado Torneio Início. Realizado de 1917 a 1957 (exceto em 1923 e 1937) na sua primeira aparição, de 1962 a 1966 na sua segunda e uma breve edição de 1969, o Torneio Início consistia em reunir todas as equipes da Primeira Divisão Mineira em um único dia e fazê-las disputar um campeonato de “tiro curto”.

Com partidas eliminatórias de dois tempos de dez minutos e desempate nos pênaltis, as doze equipes do Torneio Início de 1983 tinham que disputar um torneio onde a marca era o futebol rápido. Apenas a final, com dois tempos de meia hora, apresentava um jogo de futebol mais ao estilo das partidas regulares.

No entanto, essa quarta aparição não trouxe um novo ânimo para os grandes. Realizado em cinco de junho de 1983, ainda na pré-temporada, fez com que Cruzeiro e Atlético jogassem com equipes reservas. Com isso, a ideia de um futebol romântico e marcado pelas equipes menores prevaleceu. Tal como *Placar* definiu,

a ausência dos grandes ídolos deixou alguns torcedores em casa, mas não tirou a qualidade do espetáculo. Quem poderia imaginar, por exemplo, o rigoroso árbitro Alvimar Gaspar dos Reis autorizando uma cobrança de pênalti com vários repórteres dentro da área? E como ver o Mineirão, em outro dia, sem as divisões de torcidas nas arquibancadas? Ou, então, como imaginar os torcedores, num jogo normal, sentados ao lado de seus ídolos, conversando e pedindo autógrafos? (PENNA, 1983, p. 52).

Curiosamente, o título foi para o Uberlândia. Composto por Santos, Gilmar, Batista, Zecão, Paulo Roberto, Wagner, Cândido, Êder, Vivinho (Geraldo Touro), Anselmo e Maurinho, o Verdão eliminou nos pênaltis o Valeriodoce (quartas), o Nacional de Uberaba

(semi) e o Villa Nova.

Para Bugue, o técnico do Uberlândia, nenhuma explicação era importante. Vencedor, do Villa Nova na final, por 3 a 1 nos pênaltis, ele saboreava a conquista do primeiro título que o clube ganha no Mineirão – e aplaudia a festa que seus entusiasmados jogadores faziam na volta olímpica, carregando o Troféu José Pedro da Silva (uma homenagem da AMCE a um jornalista da Rádio Guarani, de Belo Horizonte). ‘Agora vamos brigar pelo campeonato’, arriscava o ponta Maurinho, que completava 23 anos naquele mesmo domingo e fazia da conquista seu maior presente (PENNA, 1983, p. 52).

No entanto, após a conquista do título, nenhuma menção foi mais feita. A cobertura da Taça CBF de 1984 se estruturou sob a ótica da construção de um novo time. O Uberlândia Esporte Clube buscava se reestruturar.

## **6 A TAÇA CBF DE 1984 E O ESQUECIMENTO DE 1983**

Assim, logo na primeira edição do *Correio de Uberlândia* de 1984, de 3 de janeiro (afinal, eram tempos no jornalismo brasileiro onde jornais usualmente não saíam nem de domingo nem de segunda-feira), as manchetes acerca do Verdão não eram das melhores.

O técnico de 1983, Bugue, não estava mais no comando do Uberlândia Esporte Clube e o presidente do time, Pietro Carlo Paladini, gostaria de contar com um treinador definitivo. Nas últimas partidas, os treinadores interinos foram Vicente Lage, conhecido por Cento e Nove, e Odilon Lara. A ideia era contratar Ilzo Nery, mas as longas negociações atrapalhavam a renovação de contratos e a negociação de reforços para a equipe.

Com um texto bastante opinativo, o *Correio* aconselhava o clube: “Só que não é aconselhável contratar jogador sem saber se o treinador está em acordo, porque aí corre-se o risco de trazer um atleta e ele não se enquadrar no sistema de trabalho do treinador, causando sérios danos para o clube, que, muitas vezes, se vê na obrigação de manter o contrato sem utilizar os serviços profissionais do jogador” (*Correio*, 03/01/1984).

Era consolidada, na leitura do jornal, a necessidade de reforços para “tornar o Uberlândia forte no campo esportivo”, se somando com o “material humano já existente no clube, responsável pela boa campanha desenvolvida na temporada passada”. Finalizando, o *Correio* desejava um trabalho consciente e tranquilo, que todos os jogadores tivessem a chance de “mostrar no campo de jogo uma resposta à confiança neles depositada” (*Correio*, 03/01/1984).

Junto com essa notícia de acompanhamento do clube, o *Correio de Uberlândia*

veiculou a primeira notícia sobre a Taça CBF. No texto, era divulgado que as duas vagas do Estado de Minas Gerais seriam decididas em Torneio Seletivo, cuja confirmação se daria no Conselho Arbitral previsto na sede da Federação Mineira de Futebol, em Belo Horizonte, no dia 6 de janeiro de 1984, uma sexta-feira.

Janeiro de 1984 parecia destinado à solução dessas duas polêmicas. No dia 4, o *Correio* anuncia uma desistência do presidente Pietro Carlo Paladini em correr atrás de um técnico e pensar em uma “solução caseira”. O clima de tumulto parecia ter sido instaurado no Verdão, algo bem representado pela primeira frase da notícia: “No Uberlândia E.C. as notícias estão desencontradas” (*Correio*, 04/01/1984).

A grande notícia do mês de janeiro foi confirmada apenas na edição do *Correio de Uberlândia* do dia seguinte, uma sexta-feira 13: a efetivação de Cento e Nove como treinador do Uberlândia, bem como a promoção de Odilon Lara a supervisor. Essa data seria, talvez, um dos marcos iniciais da campanha vitoriosa do Verdão em 1984.

Além disso, o Uberlândia tinha confirmado sua participação no Torneio Seletivo ou Torneio Incentivo. Primeiro seria um jogo, fora de casa, contra o Nacional. Depois recebia no Parque do Sabiá o Guarani para, pela terceira rodada, voltar a Uberaba para jogar contra o seu maior rival. Depois, a equipe iria para Divinópolis disputar o jogo de volta contra o Guarani e enfrentar, em casa, os jogos finais contra Nacional e Uberaba.

Caso fosse o vencedor do grupo, o Uberlândia se classificaria para a Taça CBF. Para ser o campeão e definir o ranqueamento entre as equipes mineiras, o vencedor do grupo do Uberlândia “enfrentará o campeão da outra chave composta por América, Vila Nova, Valério e Democrata. Os dois campeões disputam posteriormente a finalíssima, mas com classificação garantida” (*Correio*, 01/02/1984).

O Uberlândia teve a melhor campanha do Seletivo, tendo o direito de realizar a final contra o América no Parque do Sabiá. Nas palavras do jornal, “o Uberlândia conseguiu nessa fase de classificação do torneio seletivo derrotar o Nacional, em Uberaba por 2x0; o Guarani, aqui no Parque do Sabiá por 2x1; venceu o Uberaba, lá na Capital do Zebu, por 3x1; no retorno, venceu o Nacional aqui por 3x0, perdeu em Divinópolis por 2x0 e domingo último encerrou a fase classificatória ao derrotar o Diabo Rubro pela contagem de 3x0. O Verdão cumpriu 6 jogos, venceu 5 e perdeu 1, ganhando 10 pontos. Marcou 13 gols e sofreu 4, ficando com saldo positivo de 9 tentos. Seus artilheiros são: Geraldo Touro, Luizinho, Maurinho e Vivinho, todos com 3 gols cada” (*Correio*, 21/02/1984).

No dia 21 de fevereiro, o segundo revés em pleno Parque do Sabiá: nos pênaltis, o

América ganha o seletivo após placar de 1 a 1 no tempo regular. O destaque foi Dario, o Dadá Maravilha. Aos 11 minutos do primeiro tempo, o tricampeão de 1970 abriu o placar para o América. Depois, aos 22 minutos, foi a vez de Zé Carlos empatar para o Uberlândia.

Após o 1 a 1 e uma prorrogação sem gols, a partida foi para os pênaltis. Se Cícero, Adalto, Geraldo e Tapa marcaram para o América, apenas Luizinho e Chiquinho fizeram para o Verdão. Zé Carlos teve seu pênalti defendido e Vivinho chutou para fora. “O América venceu e ganhou o Troféu Leopoldo Bessone com: Jorge Hipólito; Colatina, João Batista, Cícero e Renato; Adalto, Geraldo e Luiz Alberto; Adilson (Tapa), Dario (Almir) e Zezé. O Uberlândia foi derrotado nos pênaltis com: Moacir; Luizinho, Batista, Zecão e Clayton; Chiquinho, Carlos Roberto (Cristiano) e Maurinho (Tairone); Geraldo Touro, Vivinho e Zé Carlos. Foram expulsos aos 34 minutos do segundo tempo, Batista (Uberlândia) e Luiz Alberto (América) por troca de pontapés” (*Correio*, 23/02/1984).

A derrota não importava, afinal, o objetivo tinha sido alcançado: Uberlândia estava na Taça CBF. A derrota para o América Mineiro já tinha ficado para trás quando foi decidido o chaveamento da primeira fase da Taça CBF. O Uberlândia jogaria em um domingo, dia 26 de fevereiro, contra o Nacional de Itumbiara (formando o Grupo M). Os outros jogos seriam: Remo x Rio Negro (Grupo A), Tiradentes-PI x Maranhão (Grupo B), União de Rondonópolis x Comercial-MS (Grupo C), Desportiva x Goytacaz (Grupo D), Atlético de Alagoinhas x Central de Caruaru (Grupo E), Ceará x América-RN (Grupo F), Inter de Santa Maria x União Bandeirante (Grupo G), América Mineiro x Volta Redonda (Grupo H), Sergipe x Sport (Grupo I), Icasa x Botafogo (Grupo J), ASA x Itabuna (Grupo K), Campo Grande x Pinheiros (Grupo L), Guarani x Avaí (Grupo N), Tiradentes-DF x Itumbiara (Grupo O) e XV de Piracicaba x Novo Hamburgo (Grupo P).

O Uberlândia vence, respectivamente, o Nacional, o Guarani de Campinas (oitavas), o Itumbiara (quartas) e a semifinal contra o Botafogo da Paraíba. Em 21 de março de 1984, dia do primeiro jogo da semifinal contra o Botafogo-PB, fora de casa, o *Correio de Uberlândia* iniciou sua reportagem do dia com uma retrospectiva da campanha do Verdão: “O Uberlândia E. C. representado por uma equipe modesta, porém homogênea e com muita disposição de luta dentro de campo, graças à boa orientação do técnico Cento e Nove e da perfeita união que os jogadores mantêm dentro e fora do gramado, tem feito uma boa campanha dentro das disputas da Taça CBF. Para uma equipe que nem sequer tinha planos de participar da fase classificatória do Torneio Seletivo a nível de Estado, surgiu como a grande surpresa ao se classificar para a fase nacional e depois confirmou seu poderio com

os resultados positivos conquistados nos compromissos que foram surgindo, todos de caráter eliminatório (...). O trabalho coeso do técnico e demais membros da Comissão Técnica, aceito integralmente pelos atletas que procuram cumprir todas as determinações, é uma mostra clara e evidente que a união é arma de fundamental importância para uma equipe que luta em busca de melhores posições dentro do cenário esportivo de seu Estado e do próprio futebol brasileiro, como é, por exemplo, o caso do Uberlândia E. C.” (*Correio*, 21/04/1984).

No entanto, ao chegarem as notícias do 4 a 0 em cima dos paraibanos do Botafogo, em João Pessoa, o jornal se colocou em orgulho no dia seguinte. Lembrando-se da vexatória derrota por 6 a 3, em João Pessoa, pela Primeira Divisão Brasileira de 1978. Foi a única menção histórica do jornal em toda a cobertura. O mesmo ocorre com a final com o Remo, sem lembrar da final do Torneio Início de 1983, no semestre anterior. Com isso, o Uberlândia Esporte Clube era campeão novamente, mas seu passado não foi lembrado. Como podemos compreender tal fenômeno?

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FUTEBOL DAS LEMBRANÇAS VENCEDORAS**

A ausência de enunciados históricos sobre o título do Torneio Início de 1983 na narrativa posta pela cobertura do *Correio de Uberlândia* acerca da conquista da Taça CBF de 1984 indicam uma situação de rápido esquecimento posta pelo jornalismo esportivo. Essa situação nos coloca em uma espécie de antinomia. De um lado, cada vez mais o jornalismo esportivo se baseia nas estatísticas históricas para se consolidar enquanto voz autorizada para debater o esporte:

Antes de tudo, o Jornalismo Esportivo é um jornalismo técnico. De números, de fatos, de jogo e de dinâmicas próprias. Possui suas interfaces com a História, com a Sociologia e com a Economia, mas sua atividade-fim é relatar o jogo, opinar de acordo com os parâmetros postos e entrar na lógica de interesse público que o esporte demanda (VENANCIO, 2014, p. 2).

No outro lado, há um processo de seleção que indica quais estatísticas devem ser lembradas e quais devem ser esquecidas. Assim, títulos “menores” – que são comemorados na ausência, na “seca” de títulos – acabam ofuscados pela conquista de títulos “maiores”. Mesmo em equipes fora do cenário principal do futebol brasileiro, tal como o Uberlândia Esporte Clube, esse fator de esquecimento acontece. Com isso, um título tal como o Torneio Início de 1983 se torna mais um daqueles “derrotados”, esquecidos pelo fluxo da História tal como Walter Benjamin nos descreve em sua tese IX (BENJAMIN, 1987) e os

títulos tais como o da Taça CBF de 1984 são sempre lembrados e constitutivos do discurso de identificação de um determinado clube de futebol.

## REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **How to do Things with Words**. Cambridge: HUP, 1975.
- BENJAMIN, W. “Teses sobre o conceito de História”. In: **Obras escolhidas – volume 1**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LOVEJOY, A. O. **A Grande Cadeia do Ser**. São Paulo: Palíndromo, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- PENNA, A. “Uma boa idéia está de volta”. **Placar**. nº 682. São Paulo: Abril, 17/06/1983.
- SKINNER, Q. “Meaning and Understanding in the History of Ideas”. **History and Theory**. Vol. 8, nº 1. Middleton: Wesleyan University, 1969.
- SKINNER, Q. “Conventions and the Understanding of Speech Acts”. **The Philosophical Quarterly**. Vol. 20, nº79. Saint Andrews: St. Andrews, 1970.
- SKINNER, Q. “On Performing and Explaining Linguistic Actions”. **The Philosophical Quarterly**. Vol. 21, nº82. Saint Andrews: St. Andrews, 1971.
- SKINNER, Q. “Motives, Intentions and the Interpretation of Texts”. **New Literary History**. Vol. 3, nº 2. Baltimore: Johns Hopkins, 1972.
- SKINNER, Q. “Hermeneutics and the Role of History”. **New Literary History**. Vol. 7, nº 1. Baltimore: Johns Hopkins, 1975.
- SKINNER, Q. **Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes**. São Paulo: Unesp, 1999.
- SKINNER, Q. **Visions of Politics: Regarding Method**. Cambridge: CUP, 2002.
- UEC – Uberlândia Esporte Clube. “História”. **Site Oficial do Uberlândia Esporte Clube**. Uberlândia: UEC, 2015. Disponível em <<http://uberlandiaesporte.com.br/historia.aspx>>. Acesso em 09/07/2015.
- VENANCIO, R. D. O.; PAPEL, L. **1984: A maior conquista do futebol de Uberlândia**. São Paulo: Scortecci, 2014.
- VENANCIO, R. D. O. “Jornalismo Esportivo: Nós somos diferentes”. **Observatório da Imprensa**. Edição 788. Campinas: OI, 04/03/2014. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed788\\_nos\\_somos\\_diferentes](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed788_nos_somos_diferentes). Acesso em 09/07/2015.
- VENANCIO, R. D. O. “Lotus 72D: Samba-rock e o Imaginário do Automobilismo no Brasil dos anos 1970”. In MÉDOLA, A. S. L. D.; BARBOSA, M. C. S.; SANTOS, A. C. O. **Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Intercom Sudeste 2015**. São Paulo/Uberlândia: Intercom/UFU, 2015.

## COLEÇÕES DE PERIÓDICOS CONSULTADAS

CORREIO. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: Algar Media, 03/01/1984 a 08/04/1984.